

“O que entrar na casa dos outros me ensinou”: considerações sobre empatia, simpatia e *ubuntu* a partir do fazer jornalístico de Fabiana Moraes¹

Luiza Gould²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Este artigo se propõe a discutir a possibilidade de contatos estabelecidos por Fabiana Moraes na fase da apuração jornalística se aproximarem da noção de *empatia* ou dela se distanciarem, exigindo outras chaves de leitura. Parto da hipótese de que, embora a associação não possa ser de pronto desconsiderada, precisa ser complexificada. Nesta investigação, realizo um breve estudo da arte acerca do termo, regresso à noção de simpatia de Adam Smith (1999) e avanço à de *ubuntu* a partir de Mogobe Ramose (2003), correlacionando contribuições teóricas com a investigação de coluna publicada por Fabiana na *Gama Revista*. No texto tomado aqui como objeto, ela reflete sobre quatro encontros que estabeleceu enquanto repórter.

Palavras-chave

Empatia; simpatia; *ubuntu*; jornalismo; reportagem.

Introdução

Há 25 anos exercendo essa profissão que ditador, autocrata ou negacionista nenhum gosta, sentei em centenas de bancos, sofás, chão, redes, cadeiras. Presenciei silêncios, brigas, conversas, disputas, reconciliações, velórios, aniversários. A maioria dessas casas estava nas periferias de Recife, Camaragibe, Olinda, Vitória de Santo Antão; nos sertões de Alagoas, Bahia, Sergipe, Ceará. Abracei meu trabalho como se abraça uma jangada: *sabia que ela me levaria às vezes a destinos sabidos, às vezes para a deriva. Mas era, sempre, o descobrimento do universo* (Moraes, 2024, grifo nosso).

O trecho acima integra a coluna *O que entrar na casa dos outros me ensinou*, de autoria da jornalista pernambucana Fabiana Moraes, e publicada na *Gama Revista* no fim de março de 2024. Embora o texto tenha início com uma defesa da profissão, em tempo histórico de ascensão de regimes de extrema-direita, falta de crença na ciência, nas instituições públicas e polarização política, o que por si só instigaria reflexões, este recorte se dá devido ao que Fabiana se propõe a tratar de forma central na coluna: os encontros estabelecidos com personagens, em sua maioria mulheres, do interior do Nordeste, vítimas da pobreza material, do feminicídio, do estupro, do abandono afetivo, do

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, e-mail: luizagould@gmail.com.

abandono do poder público, da transfobia. Ela alude especificamente a quatro encontros, comentando-os sucintamente, enquanto avalia os impactos de ter adentrado nas casas de Severina, Lohanne, Joyce e Maria Janete, em experiências que culminaram em reportagens. Tal coluna é o objeto deste artigo.

Este se propõe a ser um trabalho introdutório³ sobre a possibilidade de os contatos estabelecidos na apuração jornalística se aproximarem da noção de *empatia* ou dela se distanciarem, exigindo outras chaves de leitura. Posto esse problema, parto da hipótese de que, embora a associação não possa ser de pronto desconsiderada, precisa ser complexificada. Para tanto, em um primeiro momento, buscarei apontar a recorrência da menção à empatia na contemporaneidade e a dificuldade de conceituá-la. Na sequência, pretendo retomar suas origens a partir da *simpatia* proposta por Adam Smith (1999) no século XVIII. Em vistas a explorar outras abordagens, como mencionado na hipótese, recorro ainda que brevemente à ética *ubuntu*, de que tratam o filósofo sul-africano Mogobe Ramose (2003) e o pesquisador brasileiro Renato Nogueira (2012).

Empatia: banalização e complexidades inerentes

Em 20 de junho de 2020, o Brasil ultrapassava 50 mil mortes pela Covid-19. Tratado como um marco, esse alcance motivaria um editorial no Jornal Nacional, produto jornalístico de horário nobre da Rede Globo. A notícia foi seguida de uma fala da âncora Renata Vasconcellos (2020): “Empatia é a capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro, de entender o que o outro sente. Uma nação chora os seus mortos, se solidariza com aqueles que perderam pessoas queridas. Cinquenta mil”. Na semana derradeira daquele mês, outro marco era atingido, relacionado à palavra-símbolo escolhida pelo JN: as buscas por *empatia* no Google aumentaram em 450% (Jaron, 2020).

A Covid-19 não é a única a gerar clamores pela empatia – num contexto de negacionismo protagonizado pelo então presidente Jair Bolsonaro, levando à escalada do número de mortes. Parece haver neste século a criação de uma mística em torno do termo, lançado ao âmbito da panaceia. É como um remédio para todos os males que esta capacidade cognitiva e afetiva pode ser encontrada nos escritos de Roman Krznaric (2015). O filósofo australiano defende a empatia como “uma força coletiva que pode

³ Chamo de introdutório pois a temática é investigada de forma mais aprofundada por mim no âmbito do processo de doutoramento. Realizo entrevistas semiabertas com repórteres e seus personagens para entender até que ponto e de que forma um encontro empático estabelecido na apuração pode resultar na consciência mais crítica de contexto e na representação verossímil do Outro na reportagem social.

alterar os contornos da paisagem social e política” (Krznaric, 2015, p. 19), ajudando a enfrentar desafios das mais distintas ordens como violência política e étnica, intolerância religiosa, pobreza e fome, abusos dos direitos humanos, aquecimento global.

Quem possui entendimento similar é o psicólogo britânico Simon Baron-Cohen. Em janeiro de 2019, Baron-Cohen publica artigo sobre o ciclo de violência entre Israel e Palestina no *The Guardian*. Ele admite que não é um especialista no assunto nem ingênuo a ponto de supor uma solução única para o conflito, porém defende que seria de grande auxílio se judeus e palestinos considerassem o ponto de vista um do outro (Baron-Cohen, 2019). Mais de quatro anos depois, a eclosão da guerra entre Israel e Hamas⁴ apresenta contornos bem mais profundos perto da prática de uma revolução individual.

Se Krznaric e Baron-Cohen estão no extremo do otimismo em relação ao “poder da empatia”, Paul Bloom encontra-se no extremo oposto. Em *Against Empathy* (Contra a empatia), o psicólogo canadense apresenta a empatia como um guia moral pobre, com potencial para desencadear violência. Tendenciosa, motivadora de indiferença e de crueldade, capaz de levar ao paroquismo e ao racismo: esses são aspectos atrelados à palavra já no prólogo do livro. Mais do que ser um crítico da empatia, no entanto, Bloom diz estar interessado em “agenda mais ampla”. Seu propósito é defender a razão: “devemos nos esforçar para usar a cabeça em vez de usar o coração” (Bloom, 2016, p. 4).

No âmbito do jornalismo, a cisão posta é enfrentada por Fabiana Moraes (2022). Historicamente também a profissão foi transpassada pelo privilégio da razão, ancorando critérios em teoria racionais, porém excludentes⁵. Moraes não nega a emoção, antes a toma como informação; pressupõe a figura de um repórter que não se apaga, e sim se posiciona; assume seu engajamento intrínseco; emprega a pauta como arma de combate de encontro à desumanização. Mas também não abre mão de pressupostos da objetividade jornalística, corolário da razão, entre eles a apuração ampla, a checagem de dados, a polifonia e a fidedignidade às declarações (Moraes, 2022, p. 143). Razão e emoção devem caminhar juntas para um fazer jornalístico menos machista, racista, classista, homofóbico.

Na coluna objeto deste artigo, a jornalista enumera emoções. Cabe destacar na passagem abaixo o uso do plural, sinalizando o compartilhamento com as personagens do

⁴ Em 7 de outubro de 2023, o Hamas iniciou uma série de atentados no sul de Israel, levando à morte de 1.404 pessoas e ao sequestro de outras 250. Israel respondeu com uma ofensiva militar que em um ano havia matado cerca de 42 mil palestinos, no que é considerado um genocídio pela ONU desde 2024.

⁵ Em livro de minha autoria (Gould, 2022), coloco em xeque critérios de noticiabilidade que condicionam a presença na mídia a ações negativas, no caso de indivíduos que ocupam mais baixo estrato social.

que ela nomeia como “ligas”. Fabiana se refere aqui a vontades, que podem não se limitar ao coração, mas estão distantes de ser apenas cabeça, como prevê Bloom:

[...] nas imersões heterogêneas de *desejo, violência, esperança e raiva*, consegui entender que *dentro da gente tem ligas que se afrouxam e se apertam, embaraçadas, às vezes esgarçadas, às vezes rompidas. Vão para a barriga, nos circundam, nos libertam, às vezes entalam em vários nós no pescoço. São ligas feitas de vontade: de ser amada, de ser feliz, de ser cuidada, de gozar, de olhar, de crescer* (Moraes, 2024, grifos nossos).

A partir das ligas em comum, podemos supor que Fabiana seja empática com suas entrevistadas? Depende do entendimento que se tem acerca da empatia. Neste ponto, surgem novas nuances por trás dessa palavra, para além da defesa ou da crítica a ela. O psicólogo social norte-americano C. Daniel Batson (2009) considera que a empatia abrange distintos fenômenos: seria tanto conhecer o estado interno de alguém, ser capaz de identificar pensamentos, sentimentos quanto adequar-se às respostas neurais do outro; seria tanto imaginar como eu pensaria e sentiria no lugar daquela pessoa quanto ter uma resposta emocional orientada para o outro congruente com o bem-estar percebido.

Tal abrangência não condiz com a definição de empatia para a pesquisadora sênior em Filosofia Frederique de Vignemont e para a psicóloga Tania Singer. Em artigo sobre o “cérebro empático”, o conceito aparece restrito a um cenário que contemple a seguinte combinação: (i) a pessoa estar em um estado afetivo; (ii) esse estado ser isomórfico ao estado afetivo do outro; (iii) ser provocado pela observação ou imaginação desse estado; (iv) ser sabido que a outra pessoa é a fonte de seu próprio estado afetivo (De Vignemont; Singer, 2006, p. 435). Caso corresponda a esses critérios, Fabiana Moraes estará sendo empática com as pessoas que acompanha, segundo a definição dessas autoras.

Pensemos no caso de Joyce Melo da Silva, uma das personagens citadas pela jornalista em sua coluna. Por meses, Fabiana manteve contato com a cabeleireira e moradora de Alagoinha (PE), à espera de uma cirurgia de redesignação sexual pelo SUS. A repórter narra para o *Jornal do Commercio* em 2011 como Joyce enfrentou diversas adversidades, mas só chorou quando foi deixada no hospital pelo homem que amava. Tal narração parece contemplar os critérios expostos acima. Mesmo assim há uma ressalva. Embora possa já ter experimentado o abandono (isomorfismo), Fabiana o viveu em outro contexto, distinto daquele da mulher trans. Há limites inerentes ao isomorfismo ou, em outras palavras, à máxima usada para explicar a empatia: “colocar-se no lugar” do outro.

As origens da empatia: Adam Smith e a simpatia entre iguais

A definição anterior está presente, junto de outras, no vocabulário *Keywords for today*. Ali, conhecemos igualmente a alcunha original do termo traduzido para o inglês *Empathy*: trata-se do conceito-chave na estética alemã *Einfühlung*, empregado pela primeira vez em 1858 para se referir à maneira com que os espectadores compreendem uma obra de arte, a partir da projeção, da atribuição da alma ou humor a objetos inanimados. São estabelecidas ainda no dicionário distinções entre compaixão, piedade e simpatia (Maccabe, 2018, p. 114). Volto um olhar mais atento ao último conceito.

Na contemporaneidade, o vocábulo *simpatia* perdeu a abrangência de outrora, sendo lido popularmente como menos científico, correlato ao encantamento, ao misticismo e, quando contraposto à empatia, tomado como um fenômeno de maior distanciamento em relação ao outro. Um retorno genealógico, no entanto, nos apresenta outros contornos. A exata expressão empregada hoje em referência à empatia aparece na obra *Teoria dos Sentimentos Morais*, de Adam Smith, atrelada à simpatia: “concebemo-nos sofrendo os mesmos tormentos, *é como se entrássemos no corpo dele e de certa forma nos tornássemos* a mesma pessoa, formando, assim, alguma ideia das suas sensações” (Smith, 1999, p. 6, grifos nossos). Embora pareça uma conceituação atual, o texto foi escrito em 1759. O século XVIII marca a teorização mais sistemática acerca da simpatia, quando ela adentra na esfera do subjetivo, deixando de ser um fenômeno externo de atração entre corpos, e assumindo a centralidade da discussão dos iluministas escoceses.

Smith é um deles. Disposto a contrabalançar a motivação do egoísmo humano a partir da defesa do que seria um fenômeno inato e universal, ele é o precursor da noção de simpatia como gesto que não acontece de forma espontânea; antes depende de uma motivação consciente. Smith destaca, porém, que não sentimos o mesmo, ao passo que quanto mais vívida a representação, maior a simpatia. Em suma, simpatia será a afinação (ele explora o léxico do repertório musical) com o outro através da mobilização de uma imaginação deliberada, que tem sua relevância como cimento moral.

Uma vez conhecido o contexto e tendo o interlocutor adotado o tom certo para expressar o que sente, a simpatia seria perfeita. Ilustrativamente, um espectador imparcial diante de duas pessoas, estando uma irada com a outra, só seria simpática com a que está revoltada caso soubesse o motivo que levou à ira, o considerasse justo, e avaliasse que a reação é adequada, ou seja, a pessoa não poderia estar exaltada em excesso.

Com maior destaque dado à situação do que ao que está sendo experienciado interiormente pelo outro, Smith afirma ser viável sentir por uma pessoa o que ela mesma não está sentindo. Retornemos à coluna de Fabiana Moraes em busca de exemplos. A história de Severina, agricultora da zona rural de Caruaru (PE), é contada na reportagem *A vida é Nelson (Jornal do Commercio, 2012)*. A partir dos 9 anos, Severina passou a ser levada pela mãe para ser estuprada pelo pai, engravidando 12 vezes ao longo do tempo. Quando ele quis repetir a violência com uma de suas filhas (e irmãs), Severina, já adulta, encomendou a morte desse homem. Pouco depois da liberdade concedida a ela ao fim de mais de um ano presa, esta mulher abre as portas de sua casa para Fabiana:

Na primeira vez que entrei na casa, vi, na parede da sala, uma fotomontagem. Mostrava um homem e uma mulher. Concluí que eram mãe e pai da agricultora. Mas quando comentei sobre a imagem, soube que a mulher era a própria Severina. “Eu que mandei fazer”. (*Assombro. Como podia?*). “Foi para que meus filhos saibam que têm pai e que têm mãe”. No meio de todo horror, Severina queria delicadamente dar um presente aos seus também irmãos: que eles experimentassem, ainda que simbolicamente, alguma normalidade. Nem que para isso Severina precisasse explicar continuamente aquela foto-contradição (Moraes, 2024, grifo nosso).

Ao se projetar em Severina, é possível que a repórter tenha tido repulsa daquele homem, por isso o estranhamento ao ver as duas imagens lado a lado. Fabiana possui suas próprias bagagens e visões de mundo e o assombro vem de sua constituição enquanto sujeito. Mas essa paixão é fruto da sua imaginação, não existindo na realidade, uma vez que a própria Severina encara o retrato com naturalidade em prol dos filhos. Simpatizar a partir da situação gera um movimento similar na apuração para a reportagem *Os Sertões (Jornal do Commercio, 2009)*. Lohanne é uma travesti que vive no sertão de Pernambuco, visibilizado na literatura, na música, na mídia, como a terra do “cabra macho”. Esse conhecimento prévio, atrelado ao fato de Fabiana já ter testemunhado violências contra a população LGBTQIAPN+ (como o próprio abandono sofrido por Joyce), faz com que a jornalista sinta medo num cenário específico, outra paixão sua e não da personagem.

Nos dois casos, no entanto, Fabiana Moraes reflete criticamente acerca do que sentiu e, ao fazê-lo, está colocando em xeque a perspectiva de Adam Smith. Considerado o pai do liberalismo econômico, Smith mostra congruências entre *Teoria dos Sentimentos Morais* e sua obra mais conhecida, *A Riqueza das Nações*, pois há na primeira a defesa de uma simpatia que mantém inalterados os abismos sociais, além de repercutir violências. Sentir o que o outro não sente demonstra uma relação de poder, que, em última

instância, pode levar ao silenciamento do sofredor. Simpatizar a partir da situação permitiu, por exemplo, a manutenção do sistema escravocrata. “Embora não seja óbvio que Smith estivesse abordando a escravidão quando escreveu a sua edição final da *Teoria dos Sentimentos Morais*, é evidente que ele acreditava que tais instituições deveriam ser deixadas à mão da providência para serem removidas” (Doris, 2020).

A postura de Fabiana, na busca por aprendizados ao entrar nas casas das personagens citadas, muito se distancia desse lugar de passividade, a começar pelo fato de que a jornalista se dedicou em sua prática profissional ao contato com mulheres e homens postos à margem, denunciando abusos das mais diversas ordens. Além disso, a simpatia pregada pelo escocês era uma simpatia entre iguais, voltada à classe de ilustrados a quem ele se dirige no século XVIII. Smith (1999, p. 173, grifo nosso) discorre sobre a propensão que haveria a simpatizar com o rico, ou com o afortunado que perde sua riqueza, ao passo que ao pobre nem a compaixão caberia: “Desprezamos um mendigo, e embora suas importunidades possam-nos extorquir uma esmola, dificilmente será objeto de séria comiseração”. Nenhuma ressalva é feita. A manutenção da desigualdade social que a afirmação alude seria necessária, aliás, como estímulo a um desejo de emulação: havendo alguns com terras e riquezas em contraste a muitos sem esses privilégios, quem está em estratos sociais inferiores se esforçaria para crescer, atitude moralmente positiva.

Ética *ubuntu*: conexões possíveis com o fazer jornalístico?

Fabiana se posiciona contrariamente a tais abismos quando se propõe com o seu Jornalismo de Subjetividade⁶ a “realçar, para ferir, concepções e visibilidades racistas, cissexistas, homofóbicas, classistas, xenófobas e todas aquelas capazes de solapar, de provocar a ruína na existência de pessoas e grupos” (Moraes, 2022, p. 143), o que nos impulsiona na direção de novas chaves de leitura. Refiro-me à ética *ubuntu*, categoria ontológica e epistemológica do pensamento africano dos falantes da língua bantu. O filósofo sul-africano Mogobe B. Ramose (2003) é crítico à busca de uma essência em *ubu-ntu*, caso da tentativa de traduzi-la como “comunidade”. Nomear gera efeitos de exclusão a que tal ética não se submete, mas o filósofo dá pistas do que ela abarcaria ao citar o “reconhecimento e respeito complementados por cuidado mútuo e compartilhamento” (Ramos, 2003, p. 386).

⁶ Com esse conceito, Fabiana Moraes (2022) defende o emprego do subjetivo como elemento político de uma prática profissional crítica de si mesma e reconhecidamente ativista.

Seria esse um norte que a repórter deveria ter em campo, ao bater na porta da casa de alguém até então desconhecido? Para fomentar futuros debates relacionados a essa associação, cabe relacionar um parágrafo síntese do Doutor em Filosofia Renato Nogueira, citando Ramose, com a forma como Fabiana Moraes encerra sua coluna:

Com efeito, ubuntu como modo de existir é uma re-existência, uma forma afroperspectivista de *configurar a vida humana coletivamente, trocando experiências, solidificando laços de apoio mútuo e aprendendo sempre com os outros*. Um primeiro passo para essas práticas está no que o filósofo Ramose chama de polidiálogo, isto é, no lugar de ouvir e falar em busca de “vencer” um debate, podemos *ouvir-falar sempre de uma maneira múltipla, sem necessidade de estabelecer consenso, sem necessidade de vencer disputas* (Nogueira, 2012, p. 149-150, grifos nossos).

O gesto de Maria Janete me fez pensar no quanto a naturalização da violência está conectada a um quase *auto-ódio por nós mesmas, vistas historicamente como feitas para servir*. Mas naquele momento, naquelas horas falando sobre sua filha, ouvindo a revolta de Rafaela, olhando para a divindade que tinha nos braços, Maria permitiu que o que sentia fosse público, e não contido e domesticado. *As suas ligas eram as minhas ligas: a vontade de ser amada, a vontade de amar*. Ela, Joicy, Lohanne e Severina: todas doíam, mas esperavam o afago (Moraes, 2024).

Maria Janete, a quarta personagem que figura na coluna, integrou a reportagem *Ave Maria (Jornal do Commercio, 2013)*. A partir do tema do feminicídio, a jornalista apresenta dez perfis de mulheres com o nome da mãe de Jesus assassinadas por homens próximos a elas. Maria Janete era mãe de Maria Aparecida, morta com 14 facadas pelo companheiro e pai de suas duas filhas. A entrevista se dá na sala de Maria Janete, em Camaragibe (PE), e participam dela outros integrantes da família. Rafaela, também filha de Janete e irmã de Aparecida, é quem expõe com revolta as violências sofridas, enquanto seu pai, irmão do assassino, tenta atenuá-las. Fabiana acolhe falas múltiplas e dedica especial atenção à Janete. Leva a matriarca para um ambiente à parte e a presenteia com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, suscitando um momento clímax daquelas horas: a mãe embala a imagem da santa como se acarinhasse a própria filha, e se emociona em minutos de silêncio, chorando as lágrimas que, perceptivelmente, conteve antes.

Apesar de possuir trajetória completamente distinta daquela família, de nunca ter perdido uma filha por feminicídio, e após aquele encontro Fabiana e Janete não chegarem a se rever, naquele momento há o estabelecimento de um apoio que norteia a escrita do

texto da reportagem, como Fabiana relata em seu livro *A pauta é uma arma de combate* (Moraes, 2022, p. 218). A jornalista interpreta a cena como o momento em que aquela mãe pôde se libertar de amarras impostas socialmente e, neste ponto, se conecta com a personagem a partir do fato de ser mulher, vivendo com ela uma partilha.

Considerações Finais

Há quem veja a empatia como solução dos problemas (entre os citados aqui, seria o caso de Krznaric e Baron-Cohen) e há quem a considere a origem dos problemas (Bloom). Também há quem chame de empatia a simples consciência do estado do outro (Batson) enquanto para determinadas autoras ela só pode ser assim classificada quando atende a uma série de prerrogativas (Vignemont; Singer). No senso comum, empatia é sinônimo de se projetar no outro em prol de atitudes compreensivas, solidárias, que gerem consequências positivas a nível individual e coletivo. Apresentadas a banalização a que o termo tem sido submetido e a impossibilidade de abarcá-lo em uma única definição, fica mais explícito o quanto há de perguntas mais do que respostas a rondar a empatia.

Não é o intuito de tais páginas culminar em soluções prontas, mas gerar novos questionamentos ao aproximar a noção de empatia do fazer jornalístico de uma repórter agora pesquisadora do seu campo. É instigante que a máxima usada para explicar a empatia na contemporaneidade esteja presente na conceituação do século XVIII de outro termo, a simpatia, revelando-se, no contexto do iluminismo escocês, oposta à prática pregada por Fabiana Moraes. Esse retorno genealógico da empatia auxilia a complexificar encontros estabelecidos entre seres humanos, mas também entre detentores de posições de poder distintas.

Não raro, repórteres assumem a alcunha de heróis, aqueles que “dão voz”, aludindo tão somente à projeção de suas próprias vozes acima das que precisam ser ouvidas. Fabiana Moraes (2022, p. 143), no entanto, nega essa perspectiva enquanto se propõe a abrir caminho para “o espraio de presenças representadas precariamente”. Nem sempre acerta, e realiza análises de seus próprios trabalhos, nos ajudando a pensar o quanto o jornalismo deve ser indissociável do senso crítico, dos debates que nascem na prática e na Academia. Fabiana afirma estar disposta a aprender ao entrar na casa dos outros e o que dá título à coluna objeto deste artigo também nos permite vislumbrar possibilidades reflexivas para além da empatia.

Referências

- BARON-COHEN, S. Only empathy can break the cycle of violence in Israel-Palestine. **The Guardian**, 22 jan. 2019.
Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/jan/22/empathy-cycle-violence-israel-palestine>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- BATSON, C. D. These things called empathy: eight related but distinct phenomena. In: DECETY, Jean; ICKES, William Ickes (Eds.). **The social neuroscience of empathy**. Cambridge: MIT Press, 2009. p. 3-15.
- BLOOM, P. **Against empathy**: the case for rational compassion. Nova York: Harper Collins, 2016.
- DE VIGNEMONT, F.; SINGER, T. The empathic brain: how, when and why?. **Trends in cognitive sciences**, v. 10, n. 10, p. 435-441, 2006.
- DORIS, G. The Failure of Sympathy: Adam Smith's 'Moral Sentiments' and Slavery. **Academia Letters**, Article 91, 2020. <https://doi.org/10.20935/AL91>.
- GOULD, L. **A “arte de sujar os sapatos” com a grande reportagem social**. Curitiba: Appris, 2022.
- JARON, I. Você sabe o que é empatia? Busca pela palavra na internet teve aumento de 450%. **Portal Multiplix**, 6 jul. 2020.
Disponível em: <https://www.portalmultiplix.com/noticias/cotidiano/voce-sabe-o-que-e-empatia-busca-pela-palavra-na-internet-teve-aumento-de-450>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- KRZNARIC, R. **O poder da empatia**: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- MACCABE, C. *et al.* Empathy. In: MACCABE, Colin et al. (Ed.). **Keywords for today**: A 21st century vocabulary. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 112-114.
- MORAES, F. O que entrar na casa dos outros me ensinou. **Gama Revista**, 27 mar. 2024.
Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/colunistas/fabiana-moraes/o-que-entrar-na-casa-dos-outros-me-ensinou/>. Acesso em: 25 abril 2025.
- _____. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.
- NOGUERA, R. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. In: **Revista da ABPN**, v. 3, n. 6, nov. 2011 – fev. 2012, p. 147-150.
- RAMOSE, M. B. The ethics of *ubuntu*. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. 2 ed. New York: Routledge, 2003, p. 379-387.
- SMITH, A. **Teoria dos sentimentos morais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1759].
- VASCONCELLOS, R. 50 mil mortos: diante de uma tragédia como esta, uma nação para, ao menos um instante. In: Editorial do Jornal Nacional. **Jornal Nacional**, 2020. 1 vídeo (2min38).
Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8641310/>. Acesso em: 3 jun. 2025.